



Silenciamentos e esquecimento nas Cabanagens do Grão-Pará.

Jairo de Araújo Souza*

Esta pesquisa é parte de um desdobramento das leituras feitas ao longo do curso de mestrado do programa de pós graduação linguagens e identidades (PPGLI) na universidade federal do Acre (UFAC) sobre o papel da memória histórica como parte de uma memória instrumentalizada e por isso reduzida em torno de narrativas de identidade, seja esta, nacional ou regional, portanto, factível de generalizações e apropriações interessadas, por entendermos o espaço da memória como um espaço dos fenômenos da linguagem e, também por isso, um espaço de luta pelo poder.

A tessitura de narrativas acerca dos eventos violentos que levaram à morte aproximadamente 30.000 pessoas (alguns autores falam em 40 mil) aconteceram em um período de mais de uma década na primeira metade do século XIX; envolveu toda a região chamada de Província do Grão Pará, um verdadeiro continente que hoje abarca todos os estados da região norte do Brasil.

Do oeste do Amazonas (Humaitá) ao extremo leste do Pará na região do Atlântico (Salinas) há cada vez mais relatos e pesquisas, dentro e fora do Brasil, que apontam não apenas para uma Cabanagem, mas para várias. Portanto, a chamada Cabanagem ainda hoje representa um espaço amplo de pesquisa histórica sobre a região que insistimos em marcar secularmente como Amazônia. Talvez resida aqui também, no campo da linguagem, um dos caminhos para se tirar dos silêncios e da invisibilidade gentes e lugares que a narrativas históricas através da letra paradoxalmente registram e também por isso, apagam, geralmente, de forma seletiva e silenciadora.

Nossa proposta faz um recorte a partir da inauguração de uma obra na entrada da cidade de Belém, na publicação de imagens (fotos, uma pintura e cartazes)

* Mestrado em Letras pelo Programa de Pós Graduação Linguagens e Identidades da Universidade Federal do Acre (UFAC) e professor nesta instituição.



que buscam manter viva uma narrativa histórica construída em torno de ideais de heroísmo e luta de gentes narradas como cabanos.

O memorial da Cabanagem inaugurado na entrada da cidade de Belém foi projetado por Oscar Niemeyer no governo de Jader Barbalho nos anos oitenta do século XX, no período que ficou conhecido como o da redemocratização da política no Brasil. Era o fim da ditadura civil-militar. Nele, se encontram os restos mortais de Antonio Vinagre, Batista Campos e Eduardo Angelim, os nomes e homens seletivamente lembrados na narrativa histórica oficial como ícones/heróis cabanos.



Foto: Jairo Souza, arquivo pessoal, julho de 2015.

Este monumento hoje se encontra cercado por viadutos, um túnel que passa por baixo do monumento e guard-rails da BR-316 em volta, no trecho da cidade conhecido como Entroncamento. A urbanização má ou nada planejada deixou-o isolado e abandonado pelo poder público, mas não por todos, pois serve de abrigo para moradores sem-teto e dependentes químicos da capital paraense.

Acreditamos que o cenário desse memorial em Belém hoje, evidencia ainda mais, uma contínua apropriação dos eventos históricos, que



convenientemente “moldados” a uma dada conjuntura política, possibilita que o Estado faça uso de seu poder instituído para transformar de maneira seletiva determinados sujeitos em “heróis” e outros em “bandidos”, reduzindo assim, nesse caso da Cabanagem também, toda uma complexidade dos acontecimentos que marcaram um momento de grandes mudanças estruturais de conjuntura política no âmbito local, nacional e internacional na primeira metade do século XIX. Ressalto que reside aqui parte da complexidade dos eventos ocorridos e narrados como tal, e que consequentemente aprofunda uma narrativa redutora e homogeneizante dos espaços e suas gentes. A singularidade dos movimentos ocorridos na então Província do Grão-Pará, como por exemplo, em Acará, Cuipiranga, Santarém e Manaus, só pra citar alguns dos lugares onde eclodiram as revoltas, ficaram reduzidos à um evento episódico, muitas das vezes tendo apenas a cidade de Belém como palco das tensões.

Corroboramos com a tese de Luís Balkar (UFAM) que aponta para a importância de se revisitar o período, não como uma revisão/correção do ocorrido apenas, mas de abrir espaço com a investigação para ampliar nossas percepções acerca dos lugares e das gentes que em diferentes partes da região se envolveram nas batalhas que vieram a ser chamadas posteriormente de Cabanagem.

Como parte dessa problemática e uma de suas consequências nas tentativas de sintetizar o ocorrido, o papel reduzido e até “embranquecido” dos sujeitos que são narrados (aqui destaco a obra *Motins Políticos* de Antonio Raiol que até o início do século XX considerada principal referência da Cabanagem) como parte da tessitura de uma identidade daqueles que viviam nas vilas e cidades, os chamados de ribeirinhos e caboclos, índios e pretos.

No século XX, também cresce uma gradativa romantização dos sujeitos, geralmente acompanhada de uma narrativa unificadora de bravura e heroísmo em relação aos chamados cabanos. A tessitura de uma identidade percebida como amazônida e mais especificamente, paraense, principalmente no caso das imagens criadas e narrativas divulgadas em Belém do Pará;



Como exemplo dessa romantização do evento vemos algumas imagens produzidas dentro de uma perspectiva unificadora e de tentativa de síntese de uma identidade, “alma cabana” e/ou cabano como sinônimo de paraense e ao mesmo tempo silenciadora de outras narrativas.



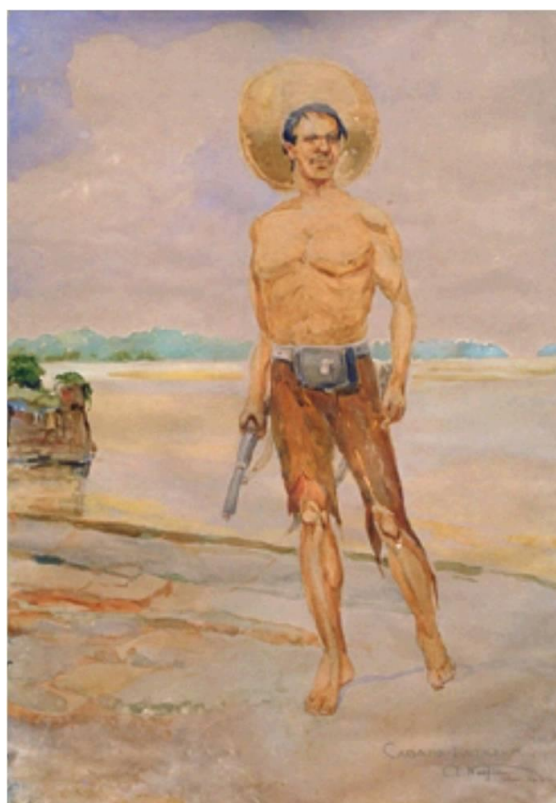
Foto: Jairo Souza. Arquivo pessoal.

No livro de Álvaro Martins (2012), vemos um selo de comemoração do primeiro centenário da Cabanagem. Na imagem, um indígena aponta sua flecha em direção ao horizonte. É uma das raras imagens publicadas em que um indígena está associado diretamente à Cabanagem, mas a referência reproduz apenas a imagem de um ser e (não sujeito); integrado à paisagem como parte do cenário, desprovido de qualquer ação política de enfrentamento da ordem, mas sim, de volta ao “seu lugar” dentro da ordem pretendida pelo poder de Estado. Mesmo porque sua flecha é apontada para o horizonte ou mesmo pra dentro do rio. Este selo lançado em 13 de maio de 1935 faz alusão à data oficial de início da derrocada dos chamados cabanos, ou seja, celebra a vitória das forças imperiais lusas enviadas à Belém que ocorreu em 13 de maio



de 1836, mas que manteve focos de resistência em outras localidades como Santarém, Óbidos, Baixo Tocantins e na Comarca do Rio Negro, futura província do Amazonas, a cidade de Manaus.

Em 1940, Alfredo Norfini pinta o quadro “O Cabano Paraense” que se encontra hoje no Museu de Artes de Belém. A obra se integra as narrativas sobre a Cabanagem ao longo do século XX que enquadram os assim já chamados de cabanos como heróis e que passam a ser narrados como exemplo de bravura e revolucionários por autores e pesquisadores como Jorge Hurley e Caio Prado Jr.



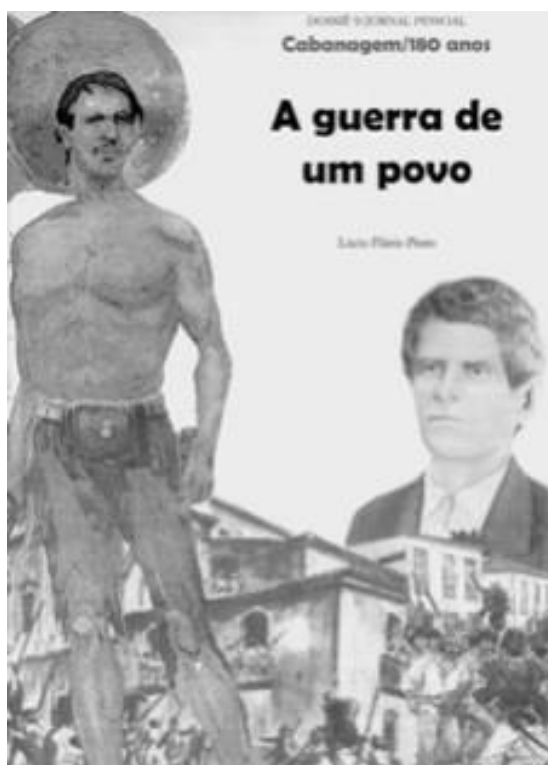
Fonte: blog café história.

Não temos a pretensão de fazer uma análise da obra, mas de apontar para uma gradativa romantização da imagem daqueles que fizeram eclodir as revoltas e que acabaram sendo reduzidos de maneira uniforme em torno de uma pretensa “identidade cabana”, reforçando assim em muitos aspectos



estereótipos em torno dos sujeitos numa frequente necessidade de classificar ou confina-los em torno de uma identidade unificadora de bravura e heroísmo.

Além disso, o quadro passa a figurar como referência em vários espaços e ainda hoje é usado por pessoas do meio acadêmico, artístico, político e jornalístico como uma espécie de símbolo do considerado “cabano paraense”. Cito aqui dois exemplos: Edmilson Rodrigues, ex-prefeito de Belém, também conhecido por ter inaugurado obras públicas na cidade de Belém em referência ao evento histórico, fez uso em 2012 dessa mesma imagem em seu blog ao publicar um texto em alusão ao 177 anos da Cabanagem, e o jornalista Lucio Flávio Pinto publicou em 2015 uma edição de seu Jornal Pessoal intitulado Dossiê da Cabanagem também fazendo uso da mesma imagem.



Fonte: cabanagem180 wordpress

Em 1990, o fotógrafo Luiz Braga vai até a ilha de Mosqueiro e captura com suas lentes um garoto que vende amendoim na praia da vila. A fotografia intitulada O Vendedor de Amendoim vai ser usada 19 anos depois pelo artista



plástico Armando Queiroz na montagem da exposição Tempo Cabano. Queiroz cria então uma analogia entre a fotografia de Luiz Braga e o quadro de Alfredo Norfini em sua exposição no Teatro da Paz em Belém.





Fonte: blog arte crítica wordpress.

Além da manutenção de uma narrativa que romantiza os eventos históricos, a exposição cria o espaço para uma resignificação do quadro e da fotografia que juntos à memória histórica, transformam objetos em artefatos quase que sacralizados, o fenômeno da musealização dos espaços a que se refere Andreas Huyssen, por aqueles que viessem à exposição no teatro. A própria disposição das imagens no alto da escadaria colocam o menino e o cabano lado a lado como se ali estivesse representada de forma singular, a “alma” do movimento histórico chamado de Cabanagem, naturalizando e cristalizando esses símbolos como uma verdade. A “magia do nacionalismo” ou a construção de “comunidades imaginadas” de que nos fala Benedict Anderson se apresenta aqui com o apelo a um sentimento de pertencimento e identidade unificadora.

As narrativas científicas do século XIX sustentam um paradigma de silenciamentos de uma multiplicidade de existências que ainda nos mantém prisioneiros do campo da representação através de artefatos que musealizados



são “sacralizados”, ficcionalizados e assim mantenedores de uma memória histórica silenciadora e redutora de nossas percepções. As ferramentas de pesquisa da História, Antropologia, Etnografia e dos fenômenos da linguagem precisam se alinhar cada vez mais. Assim, é importante superar o entendimento dos eventos históricos conhecidos como Cabanagem como um evento episódico, o que se mantém ainda hoje como um desafio a ser enfrentado.

Se a Cabanagem é o que temos. É possível pluraliza-la. Podemos também falar em Cabanagens, como a que encontramos na pesquisa etnográfica feita por Ana Renata R. Lima Pantoja, intitulada Terra de Revolta que investiga a complexidade diversa, as contradições e a dinâmica do protagonismo de diversos sujeitos que não apenas habitam a região, mas há muito são portadores de outras subjetividades, de outra relação com o espaço e o tempo. De sujeitos que tecem outras narrativas e “mapeiam” outras geografias, geografias de resistência na região norte do Brasil pra fazer uso aqui do termo de Sonia Torres acerca da literatura chicana e que problematiza questões na fronteira dos EUA com o México e também no mar do Caribe.

Apontamos aqui para a importância de uma pesquisa micro-histórica (CHARTIER, 2011) como ferramenta para encontrarmos fatos previamente não observados em uma pesquisa histórica de cunho mais geral. Investigar a memória social que pode ser encontrada de forma documental (arquivos e bibliotecas), mas também em relatos/ memórias daqueles que contam para além de uma história que explique acontecimentos ou conjunturas, ou ainda que necessite de dados cronologicamente alinhados. Buscar um universo “micro” da chamada cabanagem, encontrar protagonismo nos “bastidores” na memória social que possa ainda dar literalmente voz à silenciamentos seculares.

As geografias de resistência de que nos fala Sonia Torres ressurgem desses “micros universos” que tecem outros “mapas”, espaços onde as margens são na verdade outros centros, marcados por dinâmicas e protagonismos singulares que se manifestam em uma relação com a categoria



de tempo não-linear mas em transitoriedades como relata o Sr. Manoel de Aquino Costa, morador de Cuipiranga quando indagado sobre as origens e fundação da vila rural em que vive no Baixo Amazonas. Nas palavras de seu Manoel “o povoado não tem início nem vai ter fim” (PANTOJA, 2014,). Ele rompe assim com uma suposta linearidade dos fatos que permeia, por exemplo, o que entendemos como memória histórica e assim lança um desafio pra repensarmos as categorias de espaço e tempo. As datas, meses e dias são secundários, para o Sr. Manoel Aquino.

Nesse sentido, aquilo que denominamos de Cabanagem, ou mesmo pluralizando em Cabanagens, permanecem vivas e reinterpretadas na memória social, presente nas narrativas orais passadas de geração em geração e que seguem uma gramática própria e regras que vivenciam se dentro de um processo onde as memórias são construídas socialmente.

D. Juliana Laurido, de 83 anos, moradora de Cuipiranga, comprou um terreno da neta de um senhor que ela chama de Faianca, provavelmente um nome que ela não lembra bem ao certo, mas que teria morado com sua família no terreno que ela comprou e nesse trecho da entrevista ela relata uma situação vivida na casa da família do Faianca que era um homem branco e por isso, perseguido pelos pretos que “viero pra matar os branco”. Abaixo, destacamos trecho de uma entrevista realizada com D. Juliana em abril de 2008. Moradora da vila rural de Cuipiranga - Santarém/PA.

“Sobre aquela guerra, contavo que mataro muita gente. Tumaro tudo. Levaro. Era o que se tinha. Negócio de ouro. O que achavam eles levavo. Eu não sei quem era, só sei que era perigoso. Tinha dois cabano. Bebero bastante cachaça que tava lá. Todo mundo correu e foi se esconder pra poder se salvá. E então que as duas irmã ficaro, porque tavo procurando todo mundo, elas tavo procurando de maduro pra apanhar, pra fazer comida, e eles tavam lá, os que chamam de cabano né, os que tavam acabando. Aí ele agarrou e perguntou onde tava o senhor dela e aí dissero que não sabia, tinha chegado aquela hora pra fazer comida, que não sabia. E eeeela tava com o senhor que não deu tempo de correr e se meteu na saia dela, que era grande de cauda, que era das cozinheira que trabalhavo. Elas tavo



arrumando, fazendo a comida. Tavo buscando jurumum nessa hora que chegaro e atacaro a casa lá e botaro os preto tudo pra caí n'água e os branco queriam pegá. E um, tava debaixo da saia dela. Foro eles que viero pra matá os branco. Ih viero...." (PANTOJA, 2014)

Em suma, há muitas cabanagens a serem tiradas do silêncio mantido muitas vezes pelas narrativas da memória histórica, por narrativas oficiais que reduzem nossa percepção da complexidade dos eventos e do protagonismo de sujeitos portadores de outras subjetividades e relações com o tempo e espaço que ocupam. Sujeitos esses que geralmente foram estigmatizados e racializados secularmente em categorias como índios, pretos, caboclos e/ou ribeirinhos.

Na perspectiva de Edward Said, precisamos perceber "formas outras de contar", pensar em literaturas que se manifestam livres de dicotomias ou paradigmas hierarquizantes em que sujeitos são categorizados como iletrados e analfabetos e seus saberes são ignorados e assim, silenciados. Que possamos "ter olhos pra ouvir os mortos" (CHARTIER, 2011), mas que possamos também ter ouvidos pra enxergar os vivos. Além de ler, precisamos voltar a saber escutar.

REFERÊNCIAS:

CHARTIER, Roger. **A força das representações: história e ficção** / João Cezar de Castro Rocha (Org.) Chapecó, SC : Argos, 2011.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquiteturas, monumentos e mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

PANTOJA, Ana Renata de Lima. **Terra de revolta**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2014.

PINHEIRO, Luís Balkar Sá. **Elites Fracionadas: expansão econômica e crise política no ocaso do colonialismo português na Amazônia**. – Luís



Balkar de Sá Pinheiro. In: Dimensões, Vol. 31, 2013, p.77-104. ISSN: 2179-8869.

RAIOL, Domingos Antônio. **Motins políticos** ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Grão-Pará desde o ano de 1821 até 1825. Tomo I. Belém: UFPA, 1970. (Coleção Amazônica: Série José Veríssimo)

SAID, Edward W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente** / Edward W. Said, tradução Rosaura Eichenberg – São Paulo : Companhia das Letras.

SOUZA, Jairo de Araújo. **Os memoriais da Cabanagem e dos Autonomistas – as instrumentalizações das memórias históricas nas Amazôniaas** / Jairo de Araújo Souza - Dissertação de mestrado – Programa de Pós Linguagens e Identidades Mestrado em Letras, UFAC, 2016.

TORRES, Sônia. **Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografias de resistência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

SITES:

<<http://www.jaderbarbalho.com/v3/>> - Site do senador Jader Barbalho em 28/07/2016.

<<http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/lutas-sociais-no-par-entre-1820-1840-a-cabanagem>> - Café História acessado em 13/06/2017

<<https://artecriticapara.files.wordpress.com/2009/12/o-cabano-paraense-alfredo-norfini-1940>> Arte critica acessado em 10/06/2017